

A VELHA GUARDA

ORGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Redactor principal:

AGOSTINHO FERNANDES ROCHA

Administrador: FRANCISCO GONÇALVES DA CUNHA

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

Redacção e Administração: Rua Elias Garcia, 46. — Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua Elias Garcia, 45 — GUIMARÃES

ISTO É REPUBLICA?

Quando a monarquia recorreu, com o terror que tinha de ver os republicanos no Parlamento, às célebres chapeladas de Peral, ninguém houve que não sentisse o baquear breve e inevitável dum regimen que de tão ignobes processos tinha de lançar mão para caminhar e viver.

Era um sinal certo de fraquesa, de impotência, de desmoroamento. Mas, — para que negá-lo? —, era também o recurso extremo para o afastamento dum fim que se avisinhava; era o arranco necessário e legítimo dum moribundo que não quer morrer; era o apêlo desvairado mas insubstituível para uma vida de vergonha e miséria, mas vida, que não a morte rápida e irremediável.

O regimen atascava-se em lódo, mas assim prolongava, embora miseravelmente, a sua existência. Havia uma razão, havia quase que um direito que, se não justificava as falcaturas do Peral, porém as explicava.

Mas agora? Que é o que vemos?

Estamos em plena República. A' custa dessas vergonhas, desses crimes que afundaram para sempre o regimen anterior, ergueram-se magestosas e limpas de máculas, as instituições actuais, pondo á frente, como bandeira santa, que todos temos que defender, os princípios de justiça e dignidade, que são o apanágio de todos os regimens de liberdade. E, no entanto, — vergonha das vergonhas! —, o Peral da monarquia está-se repetindo pelo país, com a mesma indignidade de outrora, sem a explicação de se tratar dum gesto desesperado dum regimen agonizante, porque a República bate forte e unisona no peito de todos os republicanos que em Monsanto e em mil lances tem demonstrado que ela é forte e invencível. O Peral da monarquia repete-

-se, em plena República, vigorosa e próspera, sob a égide do Partido Liberal a quem o poder foi confiado, para defesa desse partido!

Não é a República que periga, é um partido que agonisa e que, para apresentar uma vida fictícia, não hesita em servir-se de tais processos, cuja responsabilidade os nossos adversários, com uma lógica errada, mas que se lhes não poderá censurar, atribuirão ao regimen.

Exemplos: o roubo das minorias aos monárquicos em Lisboa por habilidades que podem, na interpretação maquinal, porém não racional da lei, ser aceitáveis, mas que á consciência de quem é digno repugnam; o roubo da eleição ao candidato do Partido Republicano neste círculo, a favor dum outro candidato que ao Partido Liberal prometeu seu apoio, com a chapelada de Fafe, não menos infame, nem menos escandalosa que as do Peral, de imorreioira memória.

Diziamos no nosso último número que essa chapelada era de 1950 votos, porque mais não comportava o respectivo recenseamento; pois, na assemblêa do apuramento, passou para 2345 votos, porque assim era preciso para que o candidato Mariano Felgueiras pudesse ser suplantado pelo sr. Miguel Ferreira, de Fafe, que irá votar com o governo!

O Partido Liberal, amálgama, ou antes, simples miscelanea de grupos e grupelhos de diferentes côres e feitios que nunca terão de se entender, recorre a estas ignobes falcaturas para se sustentar no Poder e assegurar por mais algum tempo a coesão indispensável para que de pronto se não desfça.

E porque, talvez, na sua massa, uma grande percentagem de monárquicos se lembre dos meios de que a monar-

quia se servia nos seus últimos momentos, ela incita e leva esse partido a usá-los, indiferente como é a que a ignominia não caia só sobre o partido, mas também sobre a República.

O Partido Liberal fica condenado. E' indispensável que desapareça. Tão indispensável para a vida da República como indispensável e sublime foi a escalada de Monsanto. Que o compreenda o povo republicano ou então... isto não será República.

Coisas esquisitas

Como se explica que o órgão da dissidência nesta cidade não diga uma única palavra ácerca da derrota do seu candidato Lúcio nem da vitória do sr. Miguel Ferreira?

Não foi eleito o sr. Lúcio, apesar das fanfarronadas, das bafuradas, dos jantares dos dissidentes locais e dos oito contos que para despesas de campanha eleitoral surripiaram do bolso do contribuinte. E não foi eleito porque não teve votos, pois se não pode queixar de que tenha sido roubado.

Mas, em compensação e embora á custa dum escandaloso roubo, foi eleito o outro candidato dissidente, sr. Miguel Ferreira!

Porque não deita luminárias o órgão do pessoal menor?

E, já agora, outra pergunta: porque é que o *La ma mère* pediu para os seus representantes na mesa do apuramento, depois do sr. Miguel já nela ter representação? Então Miguel e Lúcio não eram da mesma lista?

Retirada estratégica

Os dominguistas do burgo, á falta de gente, encarregaram o seu mentor jurídico, o *suprassumo* da inteligência, o maior de todos, de defender as candidaturas dos seus correligionários na assemblêa de apuramento.

O homem empertigou-se todo, tomou atitudes de insubstituível, e disse que sim, que os seus amigos políticos podiam confiar na sua dedicação partidária e nos seus conhecimentos profundos sobre coisas eleitorais.

Está claro que o *grão-doctor*, se bem prometeu, melhor faltou, porisso que na véspera ao cair da tarde, ao desfazer da feira, *cavou* em direcção a Jagueiros, com a certeza de que lá não haveria assembleias de apuramento, onde tivesse de apresentar protestos e contra-protestos.

Mal chegou a casa, S. Ex.ª soltou este desabafo diante da família, aterrorizada com a lividez da sua cara de parvo:

— Irra! que a gente não ganha para sustos...

INSSUCESSO

Ninguém prometa porque pode faltar!... Não viram como há pouco se prometia, com convicção, a candidatura certa do sr. Lúcio? Para quê?

Para que s. ex.ª assistisse agora, impassível, á derrocada do seu partido. A promessa da sua eleição redundou em fiasco! Nem dinheiro, nem objectos de arte demoveram o eleitorado do seu objectivo. «Ou prometer ou dar», diz o rifão; e assim parece ser na verdade. Sem ofensa, vou apresentar ao malogrado candidato os meus sentimentos. Lamento profundamente o facto do sr. Lúcio estar tão mal rodado! Lastimo-o no seu infortúnio, que, de facto, assim se pode dizer. Soubesse ele disto a tempo e horas, que poderia ainda pedir emprestada a cartilha por que lê o sr. Miguel Ferreira, um pouco mais feliz na escolha do autor, que supponho ser o da «Cartilha Maternal».

A questão — ninguém me convence do contrário — ou é de cartilha, ou é então defeito do conselho central, mais ou menos feliz na elaboração do seu parecer em reunião magna... Tivesssem eles cá na terriola tão bons visionários e perispicazes inteligências como tem ali a visinha Fafe que isto correria de outra forma, e ter-se hia em vez de eleições, um escandaloso acôrdo, uma infâmia que os políticos daquela vila não tiveram escrúpulos de pôr em prática calcando aos pés aquilo que os pais tanto se consumiram e ralaram para meter no miolo, e que em bom português se chama consciência! Mas qual o quê; hoje não se trata disso!... E' pena foi que os que em Guimarães decidem as coisas não se tenham embebido do mesmo espirito ignóbil e vil, traficando votos ou viciando actas! Já agora, isto é um pagode; e o povo democrata, que sempre se tem mostrado intrépido no perigo, generoso na vitória e paciente na adversidade, observaria indiferente o assalto aos seus direitos, o roubo dos votos, única e simplesmente porque não quer ir de encontro ao Miguelzinho do Ribeiro que tem o passado brilhante na sua qualidade de arrendatário duma cadeira em S. Bento!

Já colocou em Fafe o 3.º batalhão do 20; tem isentado muitos mancebos da vida militar, obra esta muito patriótica, obra digna de admiração para a pessoa de um deputado ilustre da nação.

Acho justa a sua eleição; faço votos para que lhe não suceda como ao autor do projecto que confere a Guimarães um liceu gratuito, que crente nas promessas dos pequenos «*quiquiriquis*» acaba de sofrer terrível decepção, tão dura lição para o seu futuro de homem publico, agora anegralhado com tal insuccesso. Mas... salve-se ao menos o sr. Alves Ferreira, que é como sabem um acérrimo defensor da região que representa nos altos altos poderes...

Lá o tem visto, sempre a falar, sempre com a palavra reservada para a primeira ocasião, pois

que os seus discursos são tão longos!... e acertados! Não são?

Vá; não digam o contrário, porque eu... até já fiz uma promessa a S. Braz para que lhe conserve a sua rica garganta tão precisa na Avenida das Côrtes como uma guitarra num entêrro! Não calculam quanto o nosso candidato do Ribeiro se tem esforçado para cumprir fielmente o seu mandato, a sua missão... austêra, que só de automovel a levantar o pó das estradas... a fugir, a fugir... pode levar ao fim sem grande susto e inda assim de maneira que ninguém veja cá de trás o que vai na frente!

Escândalos, infâmias, ilegalidades, que importa? Perguntem porque é que lá na vila o sr. Miguelzinho conseguiu votos?! Porque soube andar... mas não de automovel; porque êle sabe e os outros não sabem... mas o quê?! Arranjar a levá-los á bebida porque para isso já êle traz tudo isto arrendado desde o S. Miguel e nestas ocasiões não precisa que lhe prometam.

Já sabiam? Senão aconselhava-os que fossem a Fafe no dia de feira que veem os «endireitas» todos á vila escusado é portanto procurá-los entre a giesta donde saem grandes... passarões capazes de esburacar-nos os olhos se lhes não mostrarmos a força.

Paiva Franco.

Um conselho

Afirmam-nos — o que era desnecessário — que as locais publicadas no último número da «*Alvorada*» são da autoria do Dr. Fajão.

Pelo dêdo se conhece o gigante. O homem ficou parvo de todo, desde que lhe escangalharam o fraque. E quer que nós o aturemos, dando importância ás suas baboseiras...

Descance, homenzinho, que não lhe concederemos essa honra.

Entregue a pena ao tipógrafo do jornal, e deixe-se de altas cavalarias, que para tal o não fadava a natureza.

História dumas botas

Para que o Lúcio o não supuzesse de Jagueiros, mandou fazer umas botas novas, o marechal em chefe da dissidência.

Vieram as botas do sapateiro, foram as botas calçadas pelo freguês, luziram as botas no cortejo da recepção, mas as botas magoavam os joanetes do de Jagueiros...

Ora umas botas apertadas sempre foi coisa de arrelhar.

Dé maneira que, no dia seguinte ou dali a dois dias, já com as solas meio rompidas, foram as botas devolvidas ao sapateiro, com grande pasmo do artista, que não supunha o de Jagueiros capaz duma *partida* assim.

Consta-nos, porém, que o caso vai ser debatido em sessão secreta dos marechais da dissidência, que se esportularão entre si para pagar as botas ao sapateiro.

O CAIXA D'OCULOS

Morreu o Albertino Ramos. Todos o conheceram e todos riram dele. E embora ele fosse uma figura meã e típica da nossa terra, um janota engalhosado sempre num aprumo dançante de jargal, atirando piadinhas descaradas a todas as cachopas, ele era bem, chupado da vida e enfiado do corpo, uma sombra rastejante da desgraça, crescendo sempre e tanto, a par e ao longo da sua miséria e do seu viver martirizante, de sacrifício e sofrimentos. Foi um fartar de riso por aquele tempo cêbre e falado do à primeira vista...

Senhor, morreu santamente, tranquilamente, e o padre da freguesia recusou-se a acompanhá-lo até à última morada por motivos fúteis, insignificantes, revoltosos, simplesmente porque não queria ir a pé. Causa péua! Tão mal entendida a Santa Religião de Cristo... Ninguém rezou por ele. Não dignificam estes actos. Não fosses tu um pobre, um desgraçado, um simples caixa d'oculos!...

SERRA CARVALHAL.

As tropas frescas

Esperavam ansiosos, os dissidentes, pelos reforços que pediram a Vieira e Fafe. Só o Ernani e o Miguel Ferreira os poderiam salvar, já que o de Jucuiros havia fugido, com toda a sua finura salom, e o La ma mère era burro chispado. Com efeito, vieram tropas frescas que tomaram lugar na primeira linha, tendo a frente o médico Maximino de Matos, de Fafe, que, não sendo dominguista, é todavia amigo pessoal de Miguel Ferreira. E foi este que, bem ou mal, salvou a dissidência dos apuros em que a tinham metido. Os marechais da terra, esses foram mandados recolher à base, com a nota de «quem nasceu para encolhas, nunca pode ser um redactor de folhas». Coitados, nem sequer abriram o bico para dizer duas asneiras.

Rira bien...

Pelo nosso illustre correligionário Mariano Felgueiras, foi apresentado, na assembleia de apuramento, além dum protesto alegando a ineligibilidade do sr. Miguel Ferreira, outro contra o facto de se não terem realizado as eleições em Fafe e Vieira, e terem aparecido as actas como se elas se realizassem. Vai o caso ser resolvido, em última instância, pela comissão de verificação de poderes, da Câmara dos Deputados, e se elas forem anuladas, como é de justiça, ver-se há quem dispõe de votação para ir ao Parlamento como representante do Povo. Até lá, não será mau que os nossos adversários reprimam os seus entusiasmos. E' que, como dizem os francezes,

Rira bien qui rira le dernier...

Está bem, ó dr. Fajão?

Pedindo reforços

Depois que a dissidência se viu desamparada, sem o apoio do homem de Jucuiros, todas as vistas se voltaram para o Dr. Fajão, que também é bacharel em direito. Só ele poderia salvar a honra do convento, homem de leis como era... Mas ele desculpou-se com a sua humildade e com o seu alheamento das questões jurídicas, desde que se adicou ao professorado, desde que se embrenhou nas modernas teorias pedagógico-científicas. Em coisas de instrução, podiam contar com ele; quanto a protestos e contra-protestos, confessava que nada sabia. Os marechais dominguistas olharam uns para os outros, enguliram três vezes em seco, con-

cluíram que o La ma mère era burro, e resolveram pedir auxilio a Fafe e Vieira.

Um regedor em guerra

O regedor monárquico de Urgez, Manuel Machado, por alcuha o Réo, que a administração do novo Governo, salvo seja, nos acabou de dar a luz, em substituição do regedor republicano, Alberto Machado, não obstante estar ainda há poucos dias investido em tal cargo, começou de andar em guerra com o povo de sua antipatia, munindo-se para esse fim de um bom forcado com que arremete quando a si próprio procura impôr respeito que não merece. Assim, no último domingo, devido aos seus impropérios e pouca correção, armou zaragata de que poderiam resultar graves consequências, se não fosse a calma e prudência com que usaram os ofendidos, que tão somente se limitaram a ministrar ao atrevido e ignorante regedor uma lição, demasiado leve para o que precisava.

VELHARIAS

Vimaranenses notáveis

— D. Catharina Michaela de Sousa Cesar e Lencastre, dama da Ordem de S. João de Jerusalém, viscondessa de Balsemão, como casada com o primeiro visconde d'este título, Luiz Pinto de Sousa Coutinho. Descendente da nobilíssima família da casa de Villa Pouca, nasceu em Guimarães a 29 de setembro de 1749, tendo por paes Francisco da Silva Alcoforado e D. Maria de Viterbo Alencastre, e falleceu no Porto a 4 de janeiro de 1824. No curto espaço d'um anno adquiriu perfeito conhecimento das linguas franceza, ingleza e italiana e sufficientemente noções de litteratura. Foi poetisa de renome, deixando numerosas produções manuscritas e algumas impressas, contando-se entre ellas um soneto muito conceituoso feito no leito da morte, pouco tempo depois de haver recebido o sagrado Viatico. Balbi, no seu ESSAI STATISTIQUE SUR LE ROYAUME DE PORTUGAL, fallando dos apreciáveis dotes litterarios d'esta senhora, acrescenta: «Cette femme célèbre appartient à la famille de Villa Pouca de Guimarães, dans la quelle le talent poetique parait être héréditaire».

Dou á estampa o alludido soneto por pouco conhecido:

Grande Deus, que do alto d'esse throno Lanças o braço ao peccador contrito, Escuta do remorso o humilde grito, Das tuas leis perdão o abandono; Tu, da graça efficaz edmente o dono, Que nunca a pena iguaes ao delicto, Da-me socorro ao coração afflito, Tão proximo a dormir o eterno sono. Debatto d'uma magica apparencia Encobri os requintes da maldade; Mas qual é hoje a triste consequencia?

Este soneto, que já tinha sahido impresso na typographia do governo civil d'Aveiro, foi reproduzido com as phezias do sr. Francisco Joaquim Bingre no MORIBUNDO CYSNE DO VOUGA. Este mimoso poeta glossou bellamente o soneto da nossa illustre patricia e dedicou-lhe um outro, que se lê na obra citada a pag. 89. Corroborase a opinião citada de Balbi com a seguinte noticia: A um dos ramos d'esta illustre

familia, pertence ainda D. Mariana Alcoforado, a inspirada authora de cinco cartas amorosas, que na França gozaram de bem merecida celebridade no famigerado seculo de Luiz XIV. Esta senhora, recolhida como religiosa n'um convento de Beja, apaixonou-se loucamente por um official francez — o conde de Saint-Leger — que viera a Portugal, como capitão de cavalaria, debaixo do commando do marechal Schomberg. Depois da partida de Saint-Leger para a sua patria dirigiu-lhe a nossa illustre litterata as alludidas cartas, as quaes — pelo primor da dicção e ternura de phrases — mereceram ser vertidas em francez, e editadas na officina de Pedro Marteau, em Colonia, sem data. Tal acção teve esta primeira edição entre os cultores das letras, que outras edições lhe succederam em 1669, 1777, 1778, 1779, 1796, 1806, 1823, 1824 e 1853. Divulgadas desde ha muito em sólo estrangeiro, e dignamente elogiadas pelos primeiros litteratos, só tarde é que foram vulgarizadas em Portugal, restituídas á lingua materna. Diz Freire de Carvalho no seu PRIMEIRO ENSAIO SOBRE HISTORIA LITTERARIA DE PORTUGAL que estas cartas vertidas em francez, em perto de vinte edições, e lidas sempre com extremos de sensibilidade, foram trasladadas para portuguez pelo bem conhecido editor da titidissima edição dos LUSIADAS, feita em Paris em 1817, e impressas com o texto francez allado, também em Paris, precedidas de uma muito erudita Noticia bibliographica no anno de 1824. O nosso illustre poeta Filinto Elycio já havia traduzido, para a nossa lingua, as cinco cartas da inspirada escriptora, juntas com mais sete, que erradamente se attribuem á mesma authora: tendo todas a honra de haverem sido traduzidas para a lingua ingleza, n'um folheto impresso em Londres em 1808. Veja-se RÉSUMÉ DE L'HISTOIRE LITTERAIRE DU PORTUGAL por Ferdinand Denis, cap. XXIV; e para mais minuciosas noticias bibliographicas, veja-se ainda a edição «LETTRES PORTUGAISES. Nouvelle édition, conforme à la 1^{re}—Paris, Cl. Barbin, 1669, avec une notice bibliographique sur ces lettres»: folheto impresso em Paris em 1853.

(Continua.)

Extraído do livro GUIMARÃES do Padre Caldas.

Venda de predios RUSTICOS E URBANOS

Vendem-se em Guimarães os seguintes:

a) Quinta de Agrelas, freguesia de S. João de Ponte, próximo à fabrica

de Campelos, reservando-se a colheita deste anno.

b) Casa sobradada muito próxima à dita Quinta.

c) Casa dum andar com lojas, sótão, quintal e agua encanada, na rua 31 de Janeiro, pegada ao Hospital da Misericordia.

d) Casa sobradada na mesma rua com entrada pela Viela do Picôto, quintal e poço.

e) Casa de dois andares na rua de Santa Maria, n.ºs 9, 11 e 13, com trazeiras para o Largo de S. Tiago.

f) Casa dum andar na mesma rua, n.º 7, trazeiras idem.

g) Três casas terreas no largo do Picôto, n.ºs 14, 16 e 18.

h) Terreno de horta em frente às mesmas casas.

Enviar propostas para o Dr. Tovar de Lemos — Rua Mario Andrade, 42, 1.º-D.-Lisboa—até ao dia 31 do corrente.

Monte-Pio Geral

Associação de Socorros Mútuos FUNDADA EM 1840

Pensões

Perante a direcção habilitam-se: D. Amélia Lúcia Martins da Rocha e D. Maria Honorina Martins da Rocha, maiores, solteiras, residentes a 1.ª em Coimbra e a 2.ª em Guimarães, como únicos herdeiros á pensão anual de Esc. 150\$00, legada por seu pai, o sócio n.º 4779, Alvaro da Costa Rocha. Correm éditos de trinta dias, a contar de hoje, convocando quaisquer outros filhos legítimos, legitimados ou perfilhados do falecido, para que reclamem a parte que na mesma pensão lhes possa pertencer.

Findo o prazo será resolvida esta pretensão.

Lisboa e Escritório do Monte-Pio Geral, 8 de Julho de 1921.

a) João Manuel Esteves Pereira.

Table with 2 columns: CONDIÇÕES DE ASSINATURA (PAGAMENTO ADIANTADO) and PUBLICAÇÕES. Rows include Ano, Semestre, Trimestre, Numero avulso, Anúncios e comunicados, 1.ª publicação, Repetição, Permanetes, Imposto do selo.

Ex.º Sr.